

Fatores transculturais na carreira esportiva do atleta de futsal: da iniciação à aposentadoria¹

Cross-cultural factors in the sporting career of futsal athletes: from initiation to retirement

Factores transculturales en la carrera deportiva de los deportistas de fútbol sala: desde la iniciación hasta la jubilación

[Artigo de investigação]

Ben Hur Soares²
Adriano Pasqualotti³
Rudy José Nodari Junior⁴

Recebido: 27/07/2023

Aceptado: 23/10/2023

Citar como:

Soares, B. H., Pasqualotti, A., & Nodari Junior, R. J. (2024). Factores transculturales en la carrera deportiva de los deportistas de fútbol sala: Desde la iniciación hasta la jubilación. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 14(1), 102–119.

<https://doi.org/10.15332/2422474X.9711>



Resumo

A carreira atlética é compreendida pela transição do desenvolvimento ao encerramento da carreira esportiva. Com o objetivo de pesquisar o tempo de

¹ Início da coleta de dados: 29 de junho de 2021, encerrando as investigações em 20 de julho de 2022. Pesquisa realizada com recursos próprios.

² Doutor em Envelhecimento Humano, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Brasil. E-mail: benhur@upf.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6762-4799>

³ Pós doutor em Sociedade, Comunicação e Cultura, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Brasil. E-mail: pasqualotti@upf.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7544-9425>

⁴ Pós doutor em Ciências da Saúde, Salus Dermatoglifia, INOVALE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8375-657X>

vida competitiva do atleta de futsal em sua carreira esportiva, utilizou-se a metodologia quantitativa e o desenho metodológico, exploratório e retrospectivo. Participaram 217 ex-atletas do futsal masculino, com idade média de 39,1 anos ($\pm 9,0$ anos). Foi utilizado um questionário sobre a transição da carreira esportiva à aposentadoria. A prática na rua foi indicada como o maior ponto de origem de carreira, e o início dos treinamentos ocorre em média aos 9,41 anos ($\pm 3,8$ anos), a primeira remuneração como atleta aos 17,1 anos ($\pm 2,5$ anos), e o final da carreira aos 33,6 anos ($\pm 6,4$ anos), e a distância da família é o que mais os prejudicou. Entende-se, que a carreira esportiva voltada ao futsal começa e se encerra de forma precoce, antes mesmo do indivíduo completar 50% de sua estimativa de vida.

Palavras-chave: aposentadoria, vida competitiva, carreira esportiva, futsal, iniciação esportiva.

Abstract

The athletic career is understood as the transition from development to the end of the sports career. With the aim of researching the competitive lifespan of futsal athletes in their sporting career, quantitative methodology and methodological, exploratory, and retrospective design were used. 217 former male futsal athletes participated, with an average age of 39.1 ($\pm 9,0$ years). A questionnaire was used about the transition from a sports career to retirement. Playing on the streets was indicated as the greatest point of career origin, and the beginning of training occurs on average at 9.41 years old ($\pm 3,8$ years), the first remuneration as an athlete at 17,1 years old ($\pm 2,5$ years), and the end of their career at 33,6 years old (± 6.4 years), and the distance from their family is what affected them the most. It is understood that the sporting career focused on futsal begins and ends early before the individual even completes 50% of their estimated life span.

Keywords: retirement, competitive life, sports career, futsal, sports initiation.

Resumen

La carrera atlética se entiende como la transición desde el desarrollo hasta el final de la carrera deportiva. Con el objetivo de investigar la vida competitiva de los deportistas de fútbol sala en su carrera deportiva, se utilizó una metodología cuantitativa y un diseño metodológico, exploratorio y retrospectivo. Participaron 217 ex deportistas masculinos de fútbol sala, con una edad media de 39,1 años ($\pm 9,0$ años). Se utilizó un cuestionario sobre la transición de la carrera deportiva a la jubilación. Jugar en la calle fue señalado como el mayor punto de origen de la carrera, y el inicio del entrenamiento ocurre en promedio a los 9,41 años ($\pm 3,8$ años), la primera remuneración como deportista a los 17,1 años ($\pm 2,5$ años),

y el final de su carrera a los 33,6 años ($\pm 6,4$ años), y el distanciamiento de la familia es lo que más les afectó. Se entiende que la carrera deportiva centrada en el fútbol sala comienza y termina tempranamente, antes de que el individuo cumpla siquiera el 50% de su esperanza de vida estimada.

Palabras clave: jubilación, vida competitiva, carrera deportiva, fútbol sala, iniciación deportiva.

Introducción

Considerado um esporte muito popular, o futsal faz parte da cultura brasileira (Santos e Ré, 2014), além de gerar grandes emoções e competitividade em qualquer faixa etária, seja pelo lazer ou pela profissionalização. A construção de uma carreira esportiva, inicia antes mesmo dos 12 anos, buscando preparo físico e domínio de técnicas corporais e psicológicas, o que justifica os índices de evasão escolar, pela dificuldade de conciliar os treinos, as viagens e as mudanças recorrentes de cidades (Silva et al., 2015).

A formação esportiva requer dedicação à sistematização dos treinos, podendo acumular 10 mil horas de prática esportiva até a profissionalização (Moreno et al., 2017). A “carreira esportiva” é a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho esportivo (Rial, 2008; 2014), compreendida desde a transição entre as fases de desenvolvimento no esporte até o seu encerramento (Barros, 2008), criando uma expectativa de sucesso, mobilizando a atenção de investimentos financeiros e grande espaço na mídia (Rigo et al., 2018; Jahnecka, 2018).

Entre o sonho e a consolidação da carreira, existe o abismo da desistência e o não engajamento, sendo que, apenas 1% atinge o patamar profissional (Rial, 2009). No Brasil, por tratar-se de um esporte de identificação e massificação, o futsal é visto como uma oportunidade de ascensão social e profissional (Marques e Samulski, 2009; Silveira, 2017). No entanto, os jovens têm dificuldades para seguir ou gerir a carreira, por causa das cobranças contextuais e contratuais, da participação em competições, das elevadas exigências física, psicológica, emocional e financeira (Jesuthasan, 2017; Kelliher et al., 2019), somando-se as dificuldades em concordar o estudo e o trabalho com os treinos e competições (Ryba et al., 2015a).

Com o avanço da carreira e da idade, surgem diversos estigmas, e um dos mais frequentes tange às questões da improdutividade, que fecha as portas à

empregabilidade do atleta (Pereira et al., 2021). Manter uma carreira que reúne treinos, estudo e trabalho (Ryba et al., 2015b) pode resultar na necessidade de escolher entre maximizar o seu potencial esportivo ou obter uma educação/ocupação satisfatória a fim de garantir uma carreira pós-desportiva (Rocha et al., 2020; Morris et al., 2020), sendo que esta é relativamente curta e exige ajustes no estilo de vida dos atletas, como disciplina, anos de dedicação quase que exclusiva e em idades muito precoces (Angresta et al., 2008).

A aposentadoria esportiva é o resultado de muitos fatores individuais e sociais que podem ser voluntários (livre escolha) ou involuntários (sem livre escolha), como a idade, novos interesses emergentes, fadiga psicológica, dificuldades com a equipe técnica, resultados esportivos em declínio e problemas de contusão ou de saúde (Wylleman & Rosier, 2016). Trata-se de um dos momentos mais difíceis na vida de um jogador profissional, pois devido à sua dedicação, nem sempre o atleta está preparado para enfrentar a vida após o término da carreira e a aposentadoria pode gerar uma situação de estresse e uma mudança de identidade do atleta, que necessita ajustar a sua nova vida, tanto no campo financeiro como no aspecto psicológico e social (Marco & Filho, 2013).

Nesse contexto, o tópico “término de carreira esportiva” tornou-se uma tendência mundial de investigação, uma vez que se refere a um momento crucial e inevitável na vida de um desportista, e requer, portanto, um cuidado especial, como uma aposentadoria no alto nível, já que essa fase é inevitável. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo pesquisar os fatores que afetam a carreira esportiva dos atletas de futsal desde o começo até sua aposentadoria das quadras, as causas e as consequências físicas e emocionais.

Metodologia

Para fins da presente pesquisa, foi utilizada a metodologia quantitativa e o desenho metodológico foi o estudo exploratório retrospectivo. Optou-se por esse modelo por estar baseado em pesquisas delineadas para a investigação científica da carreira esportiva (Wylleman et al., 1999). Participaram da pesquisa 217 ex-atletas de futsal masculino de alto nível, de diferentes nacionalidades, que competiram em eventos internacionais. A média de idade foi de 39,08 anos (\pm 9,02 anos), sendo 82,49% dos atletas da raça branca, 11,06% pardos e 6,45% negros e 77,88% deles eram destros.

O instrumento utilizado foi um questionário estruturado com perguntas baseadas em dois questionários para o estudo da Transição de Carreira Esportiva e da

Aposentadoria, o APAQ (*Athletic and Post-Athletic Questionnaire*) de Hackfort e colaboradores (1997), e o *Sport Career Transitions*, traduzido para o português por Samulski, a partir do *Sports Career Transitions Questionnaire* de Stambulova (1995). Os eixos do questionário foram estabelecidos com base no Modelo Holístico de Desenvolvimento da Carreira Esportiva, proposto por Wylleman, Reints e De Knop (2013), e em questionários estruturados já experimentados (Costa, 2012). As questões foram pautadas em cinco eixos principais: a) trajetória esportiva; b) configuração familiar; c) planejamento da carreira esportiva; d) fatores intervenientes e de encerramento da carreira; e) engajamento profissional pós-carreira.

O questionário foi enviado uma única vez, individualmente, pelo aplicativo de celular WhatsApp ou por e-mail, tendo sido criado usando a ferramenta Google Forms com acesso por meio de um link, e requeria 15 minutos para ser respondido e enviado. Os dados informados pelos sujeitos eram encaminhados automaticamente para o *drive* dos pesquisadores, sendo armazenados no aplicativo, para posteriormente, serem tratados estatisticamente.

Os dados foram apresentados em estatística descritiva e por medidas de frequência. Os cálculos foram realizados por meio do pacote estatístico Jamovi (versão 2.3) e R Language (versão 4.1), que possibilitaram as análises descritivas dos dados por meio da frequência geral e específica (por grupos) das respostas. A análise do conteúdo das respostas do questionário contemplou as diferentes perspectivas dos participantes a fim de não forçar a convergência em uma única interpretação da realidade (Yin, 2016).

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que estabeleceu que seus nomes não seriam divulgados conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e de acordo com o preconizado pela Declaração de Helsinki. Foram informados também de que os pesquisadores se comprometiam a utilizar as informações somente para estudo. Esta pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, da Fundação Universidade de Passo Fundo de acordo com os padrões éticos de normas e diretrizes regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos, sob o Parecer nº 4.870.728.

Resultados

A Figura 1 mostra que entre os diferentes espaços para a prática do futsal, a rua tem sido o maior ponto de origem, seguido por escolinhas específicas da

modalidade, a escola, categorias de base ou ainda em suas próprias casas com os pais. O início desses treinamentos ocorreu em média aos 9,41 anos ($\pm 3,8$ anos), no entanto a idade da primeira remuneração como atleta foi registrada aos 17,06 anos ($\pm 2,49$ anos), gerando um intervalo de 7,65 anos do início dos treinamentos até a primeira remuneração — um marco da trajetória como atleta. Nesse período, envolve e requer uma sequência de treinamentos e a dedicação quase que exclusiva para a carreira.

Figura 1

Demonstrativo do local de início de prática da modalidade, idade de iniciação e encerramento da carreira esportiva dedicada ao futsal.

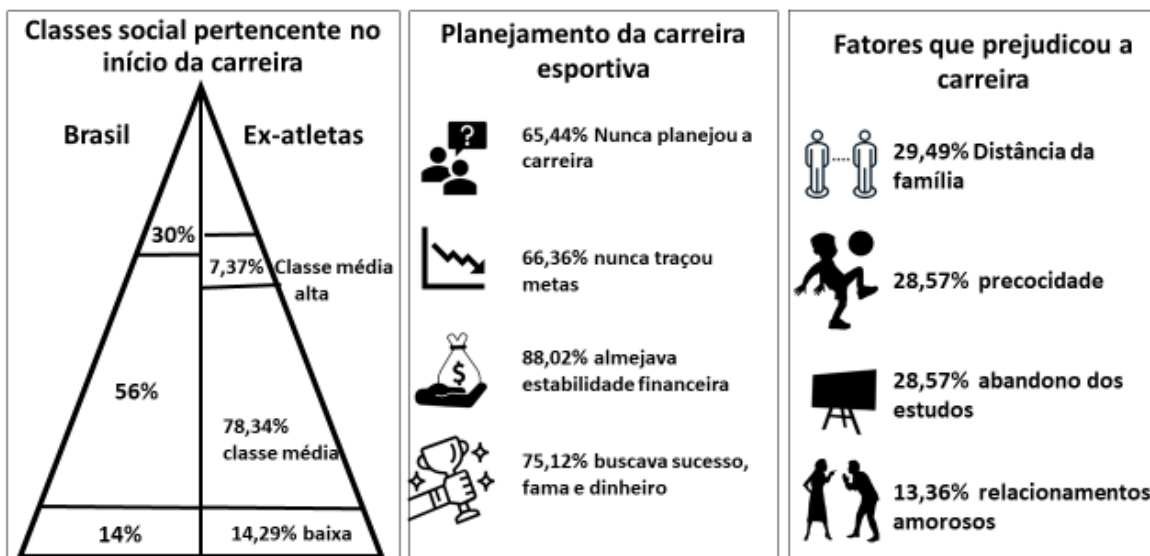


Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, a média de idade referente ao final da carreira como atleta de futsal ocorre em média aos 33,55 anos ($\pm 6,42$ anos). Entende-se então como carreira esportiva o tempo de vida dedicado pelo atleta para a modalidade esportiva e que, nesse percurso, para se adequar à rotina de treinos, jogos e viagens, requer que o jovem abra mão de outras possibilidades que a vida possa ofertar. Assim, no presente estudo, a amostra retratou uma média de 25,36 anos ($\pm 7,05$ anos) de vida útil na carreira, desde o momento que iniciam os treinamentos na modalidade e 17,80 anos ($\pm 6,63$ anos) a partir da primeira remuneração como atleta de futsal. A Figura 2 apresenta as características sociais da família no início da trajetória, o planejamento e os fatores prejudiciais para a carreira esportiva.

Figura 2

Características sociais da família no início da trajetória, o planejamento e os fatores prejudiciais para a carreira esportiva.

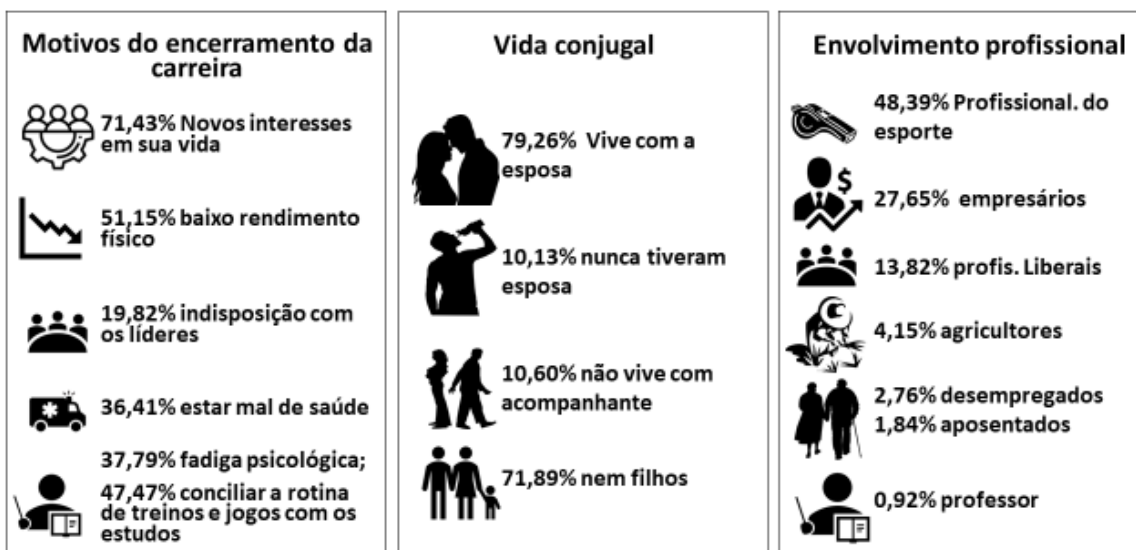


Fonte: Elaboração própria.

A maior parte dos entrevistados relatou que no início da carreira pertencia à classe média e a maioria (65,44%) afirmou nunca ter planejado sua carreira esportiva, no entanto, 88,02% almejavam ter estabilidade financeira e 75,12% procuravam encontrar sucesso, dinheiro e fama; mesmo assim, 66,4% nunca traçaram suas próprias metas dentro da carreira. Por outro lado, entre os fatores que acreditam ter prejudicado sua carreira, o maior destaque foi a distância da família, seguido pela precocidade e o fato de abandonar os estudos. A Figura 3 apresenta os motivos que desencadearam o encerramento da carreira, além da vida conjugal e do atual envolvimento profissional.

Figura 3

Motivos que desencadearam o encerramento da carreira, vida conjugal e atual envolvimento profissional.



Fonte: Elaboração própria.

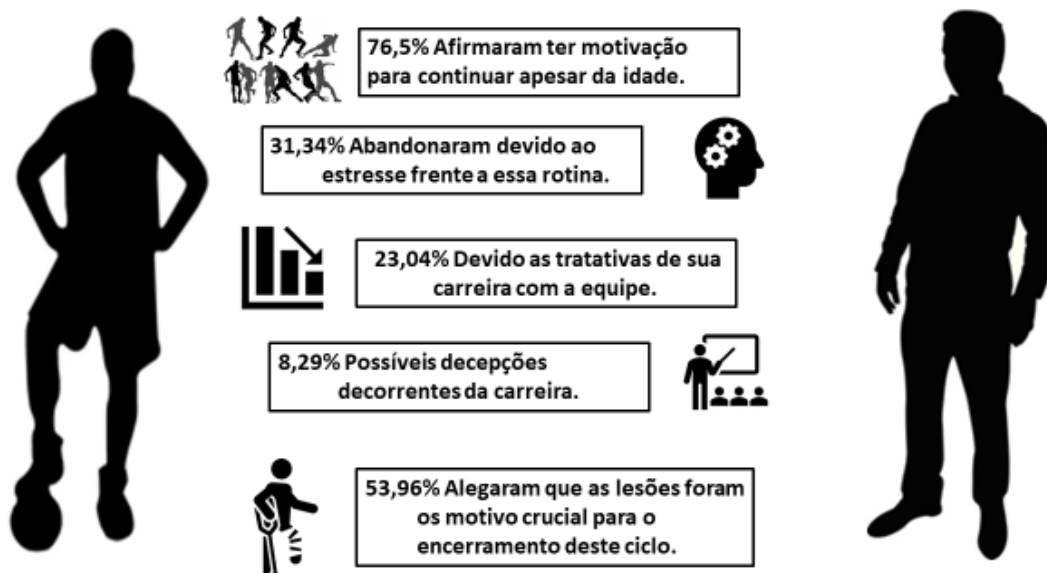
Quanto aos motivos que levaram ao encerramento da carreira, 71,43% relataram ter novos interesses na vida, sendo que, para 80,18% dos atletas, essa decisão não tinha relação com uma possível indisposição com os líderes da equipe. No entanto, 51,15% apresentavam descontentamento com seu rendimento físico, 36,41% afirmavam apresentar problemas com a saúde, 37,79% tinham fadiga psicológica e 47,47% tinham problemas para conciliar a rotina de treinos e jogos com os estudos, o que gerou um possível entrave em sua trajetória após a carreira esportiva.

Dos avaliados, 79,26% vivem com um cônjuge e 71,89% têm filhos. O encerramento desse ciclo obriga a continuidade da vida; assim, 48,39% são profissionais da área esportiva e se desempenham em espaços onde sua trajetória de vida e prática lhes deu consistência e segurança para atuarem, enquanto 27,65% são empresários e 13,82% são profissionais liberais.

A Figura 4 apresenta os motivos do encerramento da carreira como atleta de futsal. Muitos motivos podem desencadear a aposentadoria esportiva de um atleta, 76,5% afirmaram ter motivação para continuar exercendo a carreira de atleta, por outro lado, 31,34% apresentaram estresse diante dessa rotina de treinos, viagens e jogos, 23,04% relataram descontentamento com as tratativas de sua carreira com a equipe, acordos de salários, benefícios e comprometermos exigidos pelo clube, 8,29% afirmaram possíveis decepções ao longo da trajetória, mas, por outro lado, 53,96% alegaram que as lesões foram o motivo crucial para o encerramento desse ciclo.

Figura 4

Motivos para o encerramento da carreira como atleta de futsal.



Fonte: Elaboração própria.

Discussão

O estudo teve por objetivo pesquisar o tempo de vida competitiva do atleta de futsal em sua carreira esportiva, bem como os fatores que o levaram à aposentadoria das quadras, além das causas e das consequências físicas e emocionais para o atleta de futsal. A identidade da cultura esportiva está presente em todos os países e tem uma representatividade significativa na sociedade. A imagem do herói, do brilho dos efeitos extraordinários, oriundos das vitórias, surge a imagem de um novo talento (Veloso & Rubio, 2022). No entanto, para entender o conceito de trajetória e carreira esportivas é necessário ultrapassar os aspectos do rendimento esportivo (Szeremeta, 2018) e visualizar outras características que fazem parte dessa caminhada. Esse sonho começa muito cedo, com a prática sistemática de treinamentos, que ocorrem até cinco vezes por semana. Tal início foi apontado no presente estudo aos 9,4 anos ($\pm 3,8$ anos); porém, segundo LaPrade et al. (2016), o treinamento especializado costuma

ocorrer antes da idade sugerida pela literatura (13 a 15 anos). Os achados de Marques e Samulski (2009) apontaram o início aos 9,0 anos ($\pm 2,8$ anos), ainda mais precoce, e a participação na primeira seletiva aos 11,6 anos ($\pm 2,5$ anos), o que demonstra uma prática recorrente na iniciação esportiva. Borges et al., (2022) relatam que o início é diversificado, ocorrendo entre 09 e 14 anos, e Andrade et al. (2022) mencionam que o direcionamento de crianças e jovens tem sido cada vez mais cedo, tanto no âmbito escolar como em projetos sociais e clubes esportivos.

Por outro lado, o início da carreira esportiva com remuneração encontrado no estudo foi em média aos 17,1 anos ($\pm 2,5$ anos), que representa um hiato de 7,6 anos da inserção na modalidade e até a obtenção de um recurso financeiro. No futebol de campo, esse momento é um pouco mais precoce e 88,2% dos jogadores assinam seu primeiro contrato profissional aos 17,0 anos ($\pm 0,9$ anos) (Marques & Samulski, 2009). Borges et al., (2022) afirmam que a profissionalização ocorre dos 15 aos 21 anos, com ênfase maior dos 19 aos 21 anos.

Alfermann (2005) lembra que a carreira esportiva é composta por uma série de sucessivas fases e transições, identificadas como: fase do esporte infantil para o juvenil, júnior e adulto. Após a última fase, o então atleta se depara com a transição para o término da carreira esportiva, sem esquecer da passagem do estágio amador para o profissional que, segundo De Azevedo et al. (2017), é uma transição que ocorre entre os 17 e 18 anos. No entanto, a lei 9.615/98, denominada Lei Pelé, regulamenta o desporto no Brasil e prevê que os atletas profissionais sejam tratados conforme o regime trabalhista, e ressalta a que relação empregatícia entre a entidade desportiva e o atleta profissional se constitui por contrato especial de trabalho desportivo, sendo o vínculo desportivo acessório ao vínculo empregatício (Melo Filho, 2011).

Mesmo que o tempo de prática possa dar alguma segurança e estabilidade suficiente para a manutenção do alto rendimento, não há garantia quanto ao processo de transição para fora do esporte. Nesse cenário, os atletas quase sempre buscam construir carreiras alternativas paralelamente aos compromissos esportivos (Barker et al., 2014) e, por vezes, acabam desamparados e se veem obrigados a se inserirem em possibilidades ofertadas pelo mercado. O sonho da profissionalização traz consigo a imagem do ganho financeiro e todos os seus benefícios que, frequentemente, é conflitante com a situação do início de sua trajetória, visto que a maioria da presente amostra pertencem à classe média, seguido pela classe baixa e média alta. Marques e Samulski (2009) registraram que 79,6% das famílias pertencem à classe média baixa mantendo um perfil de interesses.

Sabe-se que as condições socioeconômicas das famílias podem significar oportunidade distintas aos praticantes, que vão desde suporte financeiro até materiais para a prática, qualidade de ensino, entre outros, enquanto um menor poder aquisitivo pode ser um divisor para o envolvimento esportivo, obrigando o atleta a mudar de casa e passar sua adolescência, ou parte dela, distante do apoio dos pais (75% dos atletas), como registrado por Marques e Samulski, (2009). Por outro lado, Alves e Becker (2021) afirmam que as expectativas e cobranças parentais podem também prejudicar a performance do atleta e seu desenvolvimento pessoal, assim o afastamento seria uma alternativa.

Com respeito à aprendizagem da modalidade, os primeiros passos costumam ser na rua, seguido por escolinhas, escola, categorias de base e com os pais — achados que corroboram as descobertas de Biscaia et al., (2022) e Andrade et al. (2022), que ressaltam que os jogadores em suas diferentes gerações tiveram experiências do jogo informal praticado na rua e que o futsal pode ser praticado em pequenos espaços, já que requer poucas pessoas para a disputa do jogo e pode utilizar quadras de escolas e locais públicos. Para Marques e Samulski (2009), a rua ainda é o cenário principal da formação inicial, seguido por escolinhas, em casa com os pais e no colégio. Já Galati et al. (2021) encontraram a escola como principal local para o primeiro contato com a modalidade.

Contudo, essa carreira não é feita somente de glória e alguns aspectos — como a distância da família, o início precoce, o abandono dos estudos e os relacionamentos amorosos — são citados como as principais causas do encerramento da carreira. Veloso e Rubio (2022) ressaltam que o afastamento e a ausência da família são o ponto de ruptura do apoio estrutural da carreira. Adicionalmente, Paína et al. (2018) também destacam que longas horas de treinamento, restrição de atividades sociais, distanciamento dos núcleos familiares e afetivos, e grande expectativa da família são causas pontuais.

Para McCormack e Walseth (2013), a inclusão simultânea no esporte e na escola pode resultar em inúmeros benefícios, preparando os jovens para os estágios futuros da vida e, em particular, para carreiras pós-atléticas; no entanto, essa realidade geralmente torna-se difícil por causa das exigências e horários contextualizados na formação profissional. Klein e Bassani (2016) e Costa (2012) afirmam que, apesar das dificuldades da rotina, existe uma alta expectativa de conclusão do ensino superior quando aliada à alta escolarização dos pais.

Para Wylleman e Lavalée (2004), Marques e Samulski (2009) e Oliveira et al. (2017), o fato de a maioria desses atletas não morarem com os pais certamente é

um agravante. Relatos apontam que os problemas começam quando os adolescentes passam a morar em alojamentos do clube e não contam mais com o apoio e a presença da mãe para exigir os estudos, o que gera uma defasagem escolar — ainda que julguem importante os estudos, não conseguem conciliá-los com a carreira devido às características e à organização da modalidade. Essa instabilidade e insegurança nas decisões pode ter uma relação direta com o planejamento da carreira, pois a maioria dos entrevistados afirmou nunca ter planejado sua carreira esportiva, mas almejava ter estabilidade financeira e procurava encontrar sucesso, dinheiro e fama; no entanto, encontramos aspectos diversos e uma rotina desgastante de treinos e jogos (Marco & Filho, 2013; Veloso & Rubio, 2022). Para Melo e Rubio (2017) e Paína et al. (2018), as horas dedicadas aos treinos, o gerenciamento de fatores psicossociais como estresse, ansiedade e depressão, muitas exigências físicas, as relações afetivas, o risco de lesões e outras particularidades pertinentes à profissionalização são fatores que comprometem suas trajetórias e a saúde psicofísica desses atletas.

Alguns fatores ressaltados no presente estudo corroboram os achados de Marques e Samulski (2009), nos quais 51% afirmaram não planejar ter outra profissão depois de encerrar a carreira e 81,9% declararam que pensavam ter uma profissão associada à modalidade, bem como os achados de Melo e Rubio (2017).

O tema “carreira dupla de atletas”, que compreende a combinação da carreira esportiva com uma carreira educacional ou ocupacional (Rocha et al., 2020), tem recebido destaque e preocupação, em diferentes níveis, mas ressalta-se a dificuldade de conciliar essa combinação (Stambulova & Wylleman, 2019; Morris et al., 2020). Correia e Soares (2020) definem a dupla carreira como a conciliação entre a escolarização e a profissionalização desportiva, e que esse caminho pode dar uma maior estabilidade, segurança e direcionamento ao atleta no pós-carreira. O processo de aposentadoria pode trazer sentimentos negativos, pois os dias de brilhantismo e prestígio, tão desejados no início da carreira, chegam ao final, já que a aposentadoria é inevitável. Assim, surgem as dificuldades para se ajustar, pois não existem programas de aposentadoria que tenham como objetivo principal capacitar atletas em transição de carreira ou o suporte dos dirigentes para que os atletas possam lidar melhor com esse momento e, principalmente, utilizar esses programas no início da carreira para minimizar a ansiedade com relação ao futuro (Angresta et al., 2008). A trajetória esportiva de um atleta, segundo Wylleman e Rosier (2016), pode durar entre 15 e 25 anos, dependendo da modalidade praticada, o que sugere, em média, uma aposentadoria voluntária entre os 25 e 35 anos, afirmação que corrobora os achados do presente estudo.

Portanto, um atleta que encerra sua carreira desportiva entre os 30 e 35 anos — como os jogadores encontrados no presente estudo (33,6 anos, \pm 6,4 anos) — e considerando que a maioria dos desportistas de alto rendimento não chegam a essa idade, estará, de acordo com a estimativa, a menos de 50% da expectativa de vida, ou seja, será imprescindível a possibilidade de exercer uma nova profissão depois da aposentadoria desportiva. No entanto, a trajetória de cada atleta terá uma representação, impacto e mudanças em suas vidas devido à sua escolha profissional (Rambaldi e Vieira, 2020). No presente estudo, além do maior direcionamento para a área esportiva foi possível detectar que os ex-atletas se tornaram empresários, profissionais liberais, agricultores, aposentados, desempregados e professores; isso mostra que o conhecimento e a vida dentro da quadra ainda são os maiores suportes profissionais no pós-carreira. Mas pensar que essa carreira é repleta de lazer, somado a uma vida cercada de luxo e remuneração salarial acima da média dos brasileiros, é um equívoco (Rambaldi e Vieira, 2020), pois mesmo que 76,5% afirmem ter motivação para continuar apesar da idade, fatores como tratativas financeiras, decréscimo do condicionamento, decepções e lesões foram razões encontradas como o ponto final dessa etapa.

Paína e colaboradores (2018) corroboram os achados, ressaltando o alto índice de lesões como principal fator de encerramento da carreira. Já Angresta, Brandão e Barros Neto (2008) ressaltam que as dificuldades psicológicas e vivências de momentos de tristeza, depois de anos de exclusiva dedicação à carreira competitiva, foram decisivos para a aposentadoria. Nesse contexto, a aposentadoria tende a ser um momento difícil da vida de um atleta, pois sempre requer adaptação de papéis sociais e profissionais. Fica claro que essa adaptação se torna ainda mais difícil quando o atleta tem forte identificação com a figura de esportista, gerando assim dúvidas e incertezas em se pensar no fim de uma carreira que está diretamente vinculada com o papel profissional, ou seja, sua identidade pessoal (Santos et al., 2016). Essa realidade, quando pensada em termos de trabalho, coloca em evidência o fenômeno da aposentadoria que, em uma análise etimológica, significa “retornar aos aposentos e recolher-se ao espaço privado de não trabalho”, o que está diretamente ligado à concepção do status de inatividade daquele que se aposenta (Santos et al., 2016). No entanto, envelhecer é um processo contínuo, multidimensional e multidirecional a partir de influências genéticas, biológicas, sociais e culturais, é um fenômeno natural, universal, irreversível e não ocorre de forma simultânea e igualitária nos seres humanos (Dantas & Santos, 2017).

Mesmo sabendo que nos últimos anos houve um aumento da expectativa de vida da população e a longevidade é uma realidade da sociedade moderna (Costa & Santos, 2021), os fatores limitantes relacionados à idade tem sido um marco no encerramento da carreira esportiva (Barroso, 2021). Nesse sentido, o processo de envelhecimento e a aposentadoria apresentam múltiplas interfaces, relacionadas às mudanças na vida social, psicológica, econômica, laboral, no envolvimento social e na saúde (Barros, 2008; Ramos et al., 2021).

Conclusão

Tendo em conta a amostra deste estudo, é possível concluir que a carreira esportiva voltada ao futsal começa de forma precoce e que após anos de treino ocorre a efetivação profissional e os primeiros rendimentos financeiros, porém, essa trajetória é marcada pela necessidade de que o atleta se dedique quase que exclusivamente ao esporte, tendo que renunciar ao estudo ou a trabalhos paralelos. Por ser uma carreira dinâmica e multifatorial, entre os desafios apresentados, destaca-se a gestão da carreira, dividida entre os anseios e as frustrações, que também são motivos para o encerramento dela; contudo, o índice de lesões é uma das principais causas.

A aposentadoria como atleta se dá de forma muito precoce, antes mesmo do indivíduo completar 50% de sua estimativa de vida, obrigando o ex-atleta a se reestruturar financeiramente e a se engajar de uma outra forma na sociedade. O pós-carreira é marcado por opções laborais, nas quais diferentes atividades vinculadas à área esportiva tiveram maior indicação, determinando que o conhecimento prático adquirido nessa trajetória oferece ao indivíduo a segurança para manter uma fonte de renda.

Entende-se que é necessário um olhar mais holístico para essa fatia da sociedade, que requer um maior entendimento e flexibilização no processo denominado “dupla carreira”, que possibilite, simultaneamente, ser atleta e manter o vínculo educacional e, conseqüentemente, melhorar e fortalecer a possibilidade de postos de trabalho após a carreira esportiva.

Referencias

Alfermann, D. (2005). Career transition and concomitant changes in athletes. In: *Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology*.

- Alves, Y. C., & Becker, A. P. S. (2021). Prática Esportiva e Relacionamento Familiar: uma Revisão da Literatura. *Pensando Famílias*, 25(2), 31-47. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Andrade, M. X., Carlet, R., Shamah, M. E. do P., Elias, L. de O., & Voser, R. C. (2022). O futsal como formador de atletas para o futebol: uma revisão narrativa. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 14(57), 161-70. <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1213>
- Angresta, M. C., Brandão, M. R. F., & Barros Neto, T. L. (2008). Causas e consequências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 14(6), 504-508. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922008000600006>
- Barker, D., Barker-Ruchti, N., Rynne, S., & Lee, J. (2014). Saindo do esporte: um exame sociocultural das transições de carreira olímpica. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 9(2), 255-270. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.9.2.255>
- Barros, K. S. (2008). Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2(1), 1-26. <https://doi.org/10.31501/rbpe.v2i1.9275>
- Barroso, E. P. (2021). Reflexões sobre a velhice: identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. *História Oral*, 24(1), 9-27. <https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1128>
- Biscaia, R. R., Gasperin, M., Rocha, A. J. P., Santos, A. S., Vagetti, G. C., & Oliveira, V. (2022). Relação do desenvolvimento humano e a trajetória esportiva em praticantes de futsal: uma revisão de escopo. *Research, Society and Development*, 11(8), 1-9. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30628>
- Borges, L. F. M., Leite, L. B., & Caldas, L. R. R. (2022). Fatores determinantes para o encerramento precoce da carreira de jogadores de futebol. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, 12, 1-8. <https://doi.org/10.51995/2237.v11i1e110042>
- Correia, C. A. J., & Soares, A. J. G. (2020). Dilemas da dupla carreira: CSOnline. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 31(19), 51-75. <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30350>
- Costa, B. W., & Santos, C. M. C. (2021). Mudanças na expectativa de vida no Brasil analisando o passado e o futuro, de 1950 a 2095. *Revista NUPEM*, 13(29), 210-223. <https://doi.org/10.33871/nupem.2021.13.29.210-223>
- Costa, F. R. (2012). A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina (tese de doutorado). Universidade Gama Filho.
- Dantas, E. M. H., & Santos, C. A. S. (2017). Aspectos biopsicossociais do envelhecimento e a prevenção de quedas na terceira idade. Editora Unoesc.
- De Azevedo, M. F., Dos Santos, W., Da Costa, F. R., & Soares, A. J. G. (2017). School education and sports training: Pathways presented by academic production. *Movimento*, 23(1), 185-200. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.61300>
- Hackfort, D., Emrich, E., & Papathanassiou, V. (1997). Nachsportliche Karriereverläufe. Eine Untersuchung zuberufsbezogenen Karrieren ehemaliger Spitzensportler. Hofmann.
- Habinoski, G., do Carmo, G. C. M., Pedroso, B., & Junior, M. A. F. (2023). Uma visão além da prática: análise da produção científica sobre o futsal na escola na base de dados Scopus (2016-2020). *Caderno de Educação Física e Esporte*, 21(1), 43.

- Jahnecka, L. (2018). Regimes de visibilidade: a constituição de futebolistas em um futebol menor (tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205216>
- Jesuthasan, R. (2017). HR's new role: Rethinking and enabling digital engagement. *Strategic HR Review*, 16(2), 60-65. <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/SHR-01-2017-0009/full/html>
- Kelliher, C., Richardson, J., & Boiarentseva, G. (2019). Work life balance in the 21st century: What work, what life, what balance? *Human Resource Management Journal*, 29(2), 97-112. https://doi.org/10.1057/9780230373594_1
- Klein, L. B., & Bassani, J. J. (2016). Perfil educacional de jovens atletas de futsal em Santa Catarina: concorrência entre projetos de formação. In: *Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos*. 51-78.
- LaPrade, R. F., Agel, J., Baker, J., Brenner, J. S., Cordasco, F. A., Côté, J., Engebretsen, L., Feeley, B. T., Gould, D., Hainline, B., Hewett, T., Jayanthi, N., Kocher, M. S., Myer, G. D., Nissen, C. W., Philippon, M. J., & Provencher, M. T. (2016). AOSSM Early Sport Specialization Consensus Statement. *Orthopaedic journal of sports medicine*, 4(4), 1-8. <https://doi.org/10.1177/2325967116644241>
- Lei 9.615/98, Lei Pelé de 24 de março. *Diário Oficial da União*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9615-24-marco-1998-351240-publicacaooriginal-1-pl.html>
- Marco, G. L., & Filho, J. L. (2013). Causas e efeitos do encerramento da carreira futebolística. *Saúde Meio Ambient*, 2(1), 59-68. <https://doi.org/10.24302/sma.v2i1.393>
- Marques, M. P., & Samulski, D. M. (2009). Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, 23(2), 103-19. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000200002>
- McCormack, C., & Walseth, K. (2013). A holistic perspective on career development in UK female soccer players: A negative case analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, 21, 65-77. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2015.04.003>
- Melo Filho, Á. (2011). Nova Lei Pelé: avanços e impactos. Maquinária.
- Melo, G. F., & Rubio, K. (2017). Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. *R. Bras. Ci. e Mov*, 25(4), 104-116. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i4.7672>
- Moreno, R., Muniesa, C., Bielsa, R., & Subijana, C. L. (2017). La experiencia de ser deportista de élite: una comparativa entre generaciones. *Kronos*, 16(1), 1-11. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6296459>
- Morris, R., Cartigny, E., Ryba, T. V., Wylleman, P., Henriksen, K., Torregrossa, M., Lindahl, K., & Erpič, S. C. (2020). A taxonomy of dual career development environments in European countries. *European Sport Management Quarterly*, 0(0), 1-18. <https://doi.org/10.1080/16184742.2020.1725778>
- Oliveira, E. M., Balzano, O. N., & Morais, P. H. N. (2017). The profile of athletes in transition to the professional phase, of Fortaleza city football teams. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 9(33), 130-137. <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/469>

- Paína, D. M., Fechio, J. J., Peccin, M. S., & Padovani, R. C. (2018). Avaliação da qualidade de vida, estresse, ansiedade e coping de jogadores de futebol de campo da categoria sub-20. *Contextos Clínicos*, 11(1), 97-105. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.111.08>
- Pereira, G. A., Itaborahy, M. Q., Faria, J. G., Moraes, B. E. C., Reis, F. M., Saraiva, M. F. A., & Franco, L. D. (2021). A perspectiva do mercado de trabalho ante à inserção do idoso: um estudo sobre os mecanismos de manutenção da vida laboral prolongada. *Revista das faculdades integradas Vianna Sapiens*, 12(1), 406-434. <http://dx.doi.org/10.31994/rvs.v12i1.732>
- Rambaldi, M., & Vieira, F. O. (2020). Futebol e Saúde: adoecimento de atletas profissionais. *R. Laborativa*, 9(2), 6-23. <https://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa/article/view/3196>
- Ramos, S., Cipolli, G., & Lopes, A. (2021). Significados de aposentadoria e perfil socioeconômico: características de aposentados associados ao Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos da força sindical. *Trabalho (En) Cena*, 6, 1-21. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e021000>
- Rial, C. (2009). Por que todos os ‘rebeldes’ falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. *Antropologia em primeira mão*, 110, 1-22. <https://cev.org.br/biblioteca/porque-todos-os-rebeldes-falam-portugues-a-circulacao-de-jogadores-brasileiros-sulamericanos-na-europa-ontem-e-hoje/>
- Rial, C. (2014). New Frontiers: The transnational circulation of Brazil’s women soccer players. In *Women, soccer and transnational migration* (pp. 86-101). Routledge.
- Rial, C. (2008). Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), 21-65. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>
- Rigo, L. C., Da Silva, D. V., Rial, C. S. M. (2018). Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. *Movimento*, 24(1), 263-274. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.71790>
- Rocha, H. P. A., Miranda, I. S., Costa e Silva, A. L., & Costa, F. R. (2020). A dupla carreira esportiva no Brasil um panorama na agenda das políticas públicas. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais Do Distrito Federal*, 7(2), 52-59. <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/848>
- Ryba, T. V., Ronkainen, N. J., & Selänne, H. (2015a). Elite athletic career as a context for life design. *Journal of Vocational Behavior*, 88, 47-55. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2015.02.002>
- Ryba, T. V., Stambulova, N. B., Ronkainen, N. J., Bundgaard, J., & Selänne, H. (2015b). Dual career pathways of transnational athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, 21, 125-134. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2014.06.002>
- Santos, A. L. P., Nogueira, M. D’p. G. R. & Böhme, M. T. S. (2016). Elite athletes’ perception of retirement support systems. *International Journal of Physical Education, Sports and Health*, 3(1), 192-199. <https://www.kheljournal.com/archives/2016/vol3issue1/PartD/3-1-37.pdf>
- Santos, F. M. da C., & Ré, A. H. N. (2014). Características do futsal e o processo de formação dos jogadores. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 6(19), 73-85. <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/243>

- Silva, A. L. C., Melo, L. B. S., Rocha, H. P. A., & Soares, A. J. G. (2015). Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 38(4), 400-406. <https://www.scielo.br/j/rbce/a/dhcLD55bx3kvjPBtx8ndWhC/?format=pdf&lang=pt>
- Silveira, J. J. P. (2017). Loco Abreu: a autoconstrução de uma idolatria. *Esporte e Sociedade*, 12(30), 1-17. <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49436>
- Stambulova, N. B. (1995). Sports career transitions of russian athletes. In *European Congress on Sport Psychology (9: 1995: Brussels)* (pp. 867-872). ATM.
- Stambulova, N., & Wylleman, P. (2019). Psychology of athletes' dual careers: A state-of-the-art critical review of the European discourse. *Psychology of Sport and Exercise*, 42, 74-88. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.11.013>
- Szeremeta, T. P. (2018). Construção e validação de um instrumento de avaliação da trajetória esportiva sob a ótica do modelo bioecológico (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná. <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/59712>
- Veloso, R. C., & Rubio, K. (2022). A trajetividade do atleta-herói: entre o mito e o imaginário. *Psicologia: teoria e prática*, 4(1), 45-53. <https://www.researchgate.net/publication/358130695>
- Wylleman, P., Stambulova, N. B., & Biddle, S. (1999). Career transitions in sport: research and interventions. In *10th European Congress on Sport Psychology, Charles University of Prague, Prague, Tjeck Republic, 1999* (pp. 301-303). Charles University.
- Wylleman, P., & Rosier, N. (2016). Holistic Perspective on the Development of Elite Athletes. *Sport and Exercise Psychology Research: From Theory to Practice*, 1(1), 269-288. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-803634-1.00013-3>
- Wylleman, P., Reints, A., & De Knop, P. (2013). A developmental and holistic perspective on athletic career development. In *Managing high performance sport* (pp. 191-214). Routledge.
- Wylleman, P., & Lavallee, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective*, 507-527.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa: do início ao fim*. Penso.